

entre o vivido e o sonhado - Lugar, tempo, memória

ENEIDE LIMA DE MESQUITA

DAYANE CABRAL LEITE

INEZ HELENA MUNIZ GARCIA

INTRODUÇÃO

O presente texto é parte do resultado de uma trajetória de pesquisa para curso de extensão "Janelas do Bartolomeu: Tempo, Memória, Sonhos", proposto pelo grupo de pesquisa LeLiS - Leitura, Literatura e Saúde, vinculado ao PROALE -Programa de Alfabetização e Leitura, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, realizado em setembro de 2018, ministrado pelas autoras do artigo, sob a coordenação das Prof.^a Dr.^a Nilma Lacerda e Margareth Matos, no qual assinala a relevância de Bartolomeu Campos de Queirós no cenário da literatura brasileira que crianças e jovens também leem, bem como suas reflexões em diálogo com outros estudiosos que pensam a literatura infantojuvenil, estão para além do recorte habitual, uma vez que esse autor investe na perspectiva de uma literatura comprometida com a ética e a estética do texto literário. A riqueza de sua obra nos captura e assumimos o compromisso de compreender, com o suporte bakhtiniano, que as experiências estéticas revelam conhecimentos, experiências, sabedorias, valores, crenças que nos constituem enquanto sujeitos únicos e irrepetíveis (BAKHTIN, 1988; 2000; 2003), uma vez que o vivido e o sonhado moram na memória.

O objetivo deste texto é discutir a relação entre a literatura e a geografia, o tempo e o lugar nas obras de Bartolomeu e compreender os vários elementos conceituais presentes em duas de suas obras. A geografia nas obras escolhidas representa um movimento acentua-

do de estudos nas últimas décadas, logo as relações entre Literatura e Geografia que chegaram a aproximar geógrafos de homens de letras, bem como homens de letras à Geografia fazem crescer o diálogo entre os saberes de cada uma dessas áreas do conhecimento e tem gerado fecundo material de análise dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da inter-relação da natureza e da cultura, do indivíduo e da sociedade.

As obras *Indez* (1989) e *Vermelho Amargo* (2011), compõem o chamado “ciclo autobiográfico”, e ajudam a compreender a relação entre paisagem e literatura, bem como as dimensões da percepção ambiental concernente à paisagem vivida. A partir disso, buscamos refletir sobre o quanto e como os espaços e lugares experienciados pelo autor o influenciaram ao ponto de modificar sua visão de mundo claramente expressa na escrita dessas obras, em que a percepção subjetiva revela lugares aprazíveis em que o narrador se sente acolhido e mesmo com sensação de pertencimento – topofilia - ou, ao contrário, lugares em relação aos quais se sente estranho, sem identificação - topofobia.

No tocante à paisagem poética, destacam-se os estudos empreendidos por Michel Collot (2013), para quem a abordagem renovada da paisagem compreende o texto literário enquanto paisagem, na qual a escrita se desenvolve, ressaltando as relações culturais, sensoriais, simbólicas e mnemônicas que unem o homem aos lugares. A acepção do conceito lugar é feita à luz do geógrafo sino-americano da corrente humanística, Yu-Fu-Tuan, cujo pensamento repercute a partir de 1970, para quem o lugar constitui um produto da experiência humana.

Tais concepções são, então, norteadoras para o desenvolvimento deste trabalho no intuito de percorrer as páginas de *Indez* e *Vermelho Amargo*, buscando verificar como os espaços vividos se configuram no discurso literário de Bartolomeu Campos de Queirós,

A literatura põe o leitor (de qualquer idade) em movimento, tira-o da zona de conforto, desequilibra, forma e (trans)forma.

tendo em vista a relação presente entre o narrador/autor e a paisagem, em especial na figura da casa que percorre, de forma substancial, as obras escolhidas para análise.

BARTOLOMEU (TAMBÉM) PARA CRIANÇAS

Na solidão e no silêncio de quem escreve, no trabalho minucioso com a palavra, Bartolomeu passou a se dedicar à escrita literária e à educação pela arte.

Entre as várias faces de Bartolomeu – escritor, educador, editor, filósofo, ensaísta, crítico de arte e educação – encontramos um projeto literário com temáticas variadas voltadas para a fantasia, as relações familiares, o amor, a educação escolar, as brincadeiras, a memória, sempre lapidadas com intenso cuidado. Contudo, engana-se quem pensa que os seus livros se resumem sempre a temas lúdicos; muitas de suas obras são permeadas por dores, sofrimentos e angústias. Sua escrita, matizada pelo viés autobiográfico, interroga a vida, a passagem do tempo, os enigmas da existência, trata acima de tudo, da condição humana, sua face com todas as contradições e singularidades, concorrendo, dessa forma, na elaboração do universo íntimo do leitor. Segundo Colasanti (2004):

A literatura nada mais é, afinal, do que um longo, interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através de narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos, e se aproximam do grande enigma do ser (COLASANTI, 2004, p. 188).

Nesse sentido, o contato com o universo simbólico da arte literária é uma experiência estruturante, pois ajuda a atravessar os momentos de tragédia, de caos. Por ser assim, a literatura - aí reside a de Bartolomeu (também) para crianças -, não tem fronteiras, não necessita

de adjetivos que a determine, podendo ser lida por crianças, jovens, adultos, ou seja, leitores de qualquer idade. Tomamos nesse momento uma passagem do livro *Indez* que pode sintetizar bem essa ideia: “O mundo não estava dividido em dois, um para as pessoas grandes, outro para os miúdos. As emoções eram de todos” (QUEIRÓS, 1989, p. 7). Assim, de acordo com o autor, não há necessidade de “fazer uma literatura para adulto e uma literatura para criança” (QUEIRÓS, 2012, p. 56).

A literatura põe o leitor (de qualquer idade) em movimento, tira-o da zona de conforto, desequilibra, forma e (trans)forma. Nesse sentido, consideramos que a defesa do critério de qualidade é fundamental para definir e caracterizar a literatura para crianças e jovens, portanto, as fronteiras etárias se dissolvem e o que entra em jogo é a sensibilidade, a experiência, a emoção e sua trajetória enquanto leitor.

UM POUCO DO VIVIDO E UM POUCO DO SONHADO: INDEZ E VERMELHO AMARGO PAISAGENS QUE RESGATAM MEMÓRIAS

Queirós (1996) afirma que “O tempo amarrota a lembrança e subverte a ordem” (p. 5). Tal afirmação denuncia o caráter descontínuo e não linear da memória, uma vez que se a ordem da lembrança é subvertida pelo tempo, a rememoração implica estabelecer uma nova ordem para o vivido, e, então, como não é possível recuperar completamente o passado, já não se tem mais a lembrança fidedigna, mas criação, invenção. Em entrevista, Bartolomeu afirma: “[...] na memória tanto mora o vivido quanto o sonhado, assim, mora a vida que vivi e mora a vida que sonhei viver”. Mais adiante, ressalta, de forma vida que sonhei viver”. Mais adiante, ressalta, de forma a não deixar dúvidas, a presença da memória da infância em suas obras e, ao recorrermos à extratextualidade, per-

cebemos, em sua biografia, a existência de uma interação dos fatos constituintes do enredo das obras com episódios da vida do autor apontando, desta forma, para a evidência do caráter autobiográfico existentes nestas.

Embora não seja nosso intuito identificar ou separar exatamente o que é real e o que é ficção na obra de Bartolomeu, é evidente que acontecimentos como a morte da mãe, o pai viajante, os períodos vividos nas casas dos avós, a infância pobre, o segundo casamento do pai e as reminiscências vividas na casa devem ser compreendidos, tanto no campo extratextual como intratextual, como fundamentais para a compreensão dos elementos apresentados ao longo das narrativas.

Segundo Tuan (1980), “a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências. Esses momentos do passado às vezes são captados pelos poetas” (p. 23). Nesse sentido, é possível compreender, nas obras que constituem o *corpus* deste trabalho, a partir dos elementos relacionados às lembranças da sua infância, uma escrita ficcional repleta de evidências que vinculam as narrativas à própria vida do autor. Como podemos ver nos exemplos abaixo, respectivamente, em *Indez e Vermelho Amargo*.

Com lágrimas nos olhos e abraço apertado, pai e filho se despedem, nas últimas páginas de *Indez*, finalizando a presença do menino Antônio, principiando a fala do narrador adulto que deixa o expediente da terceira pessoa e passa a narrar em primeira pessoa, revelando, em uma espécie de confissão, a identidade entre ele (narrador) e Antônio, marcando, desta forma, seu constante regresso ao *Indez*:

“Não sei quantos anos se passaram. Sei que continuo recebendo recados de Antônio: nas tigelas de arroz-doce das estações rodoviárias, na água que cai do sino em dias de chuva, nas caixas de lápis de cor nas vitrinas, no cheiro do arroz-afogado, no quadro do sol passando pela janela, nos pés de jabuticabas, no arco-íris e casamentos, nos aquários com peixes, nas crianças que cruzam as ruas de uniforme [...]” (QUEIRÓS, 1989, p. 84)

Acreditamos que a escrita de *Indez e Vermelho Amargo* cumpre antes uma memória de Bartolomeu no que tange àquelas vivências compartilhadas em família, para, dessa forma, adquirir ou mesmo consolidar a sensação de pertencimento ou não pertencimento aos lugares em que vivera a infância, sensação talvez submergida na fase adulta, capturada “pela criança pai do adulto”.

Em *Indez* o escritor revisita a infância e faz emergir as primeiras experiências dentro do espaço da casa, impregnadas de emoções. Mesclando memória e ficção, a narrativa vai brotando entre a terra dos pensamentos, sentimentos, sensações, lembranças indefinidas e restos de mundos partidos, e, por essa razão, em fragmentos, acompanhamos um narrador onisciente – ora distanciado ora muito aproximado – a contar passagens da infância de Antônio – percebido, ao final de *Indez* – como *alter ego* de Bartolomeu – do nascimento à partida para estudar em uma cidade vizinha.

A paisagem, nesse contexto, é portadora de ressonâncias subjetivas, que se fazem acompanhar de valores éticos e estéticos, na qual o escritor constrói, a um só tempo, uma imagem do mundo e uma imagem do eu, ou seja, “sujeito e objeto de sua própria escrita”. Para Collot (2013), a “paisagem é sempre vista por alguém de algum lugar [...] Ela se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis” (p. 21). A paisagem, portanto, não existe apenas objetivamente, mas surge de sua relação com o sujeito que a observa, depende de uma perspectiva e de uma percepção que só podem ser subjetivas. Mais do que isso: a paisagem não é apenas vista, mas habitada e, principalmente, vivida. É nela que o sujeito busca sua identidade e inscreve seus desejos, constituindo-se num campo de ação em que ele constrói sentidos para sua própria existência.

Segundo Tuan (1983), o lugar constitui um produto da experiência humana, sendo definido por, e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas. O espaço configura-se como mais abstrato e nos remete à liberdade; ao passo que

Assim, o menino órfão e sem lugar onde habitar se vê numa casa que ganha os ares do provisório que se eterniza. O que era lar se torna exílio nos cômodos sombrios.

lugar, ao aconchego; desejamos o primeiro, porém, nos sentimos ligados ao segundo. Para esse autor, mediante a cognição, percepção, afetividade e memória, reconstruímos mundos vividos resgatando a multiplicidade das imagens do meio ambiente, porque é neste resgate que também reside a identidade do ser humano, a conservação de seu testemunho e o legado cultural mediante a narrativa de vida através das paisagens de seus lugares. Nesse sentido, a casa de Antônio, ao ser apresentada por meio das experiências sensíveis do personagem em relação ao lugar, pode ser compreendida como um lugar topofílico, ou seja, como expressão de “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou meio ambiente físico” (TUAN, 1983, p. 5). Por isso, ela torna-se “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...]”, pois “sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos” (Idem, p. 203).

Em *Vermelho Amargo* a narrativa em primeira pessoa coloca em tensão as lembranças do narrador/personagem – um menino nascido numa cidade do interior de Minas Gerais – frente ao que foi vivido e ao que está sendo narrado. Entre memória e ficção, o narrador, confesso, principia dizendo ser “tentado a mentir-me com demasiada convicção e sabedoria, sem duvidar das mentiras que invento para mim”. (QUEIRÓS, 2011, p.7), reforçando a ideia de uma memória impregnada de subjetividade, na qual real e ficção se misturam. A realidade nos é apresentada pelo enquadramento da natureza: estamos em maio, quando são “as manhãs secas e frias”.

Com a nova experiência familiar e existencial, ou seja, a morte da mãe e o difícil convívio com a madrasta (a estrangeira), os elementos paisagísticos passaram a ser percebidos

do sob outra perspectiva, traduzindo-se em sentidos diferentes, trazendo à luz uma visibilidade firmada em imagens fortes, secas e frias. De acordo com Tuan (1980), a paisagem é composta por tudo o que o sujeito valoriza positiva ou negativamente, porque o sentir é inseparável do ressentir, de modo que, a casa “antes bem-aventurança primavera”, refere-se ao tempo no qual a mãe deixava tudo mais alegre, “fazia a fantasia virar verdade” (QUEIRÓS, 2011, p. 27) deixa de acolher para abrigar “passageiros sem linha do horizonte”, pois a madrasta não podia “assassinar o fantasma, que inaugurava seu ciúme, sem passar por nós, engolidores de seu ódio” (Idem, p.16) e, nos desejava longe dali. Assim, o menino órfão e sem lugar onde habitar se vê numa casa que ganha os ares do provisório que se eterniza. O que era lar se torna exílio nos cômodos sombrios.

A paisagem, em especial a figura da casa, dessa forma, torna-se representação artística da nova realidade brutal e dolorosa que é manifestada por meio de suas memórias reelaboradas pelo imaginário e pela escrita:

Sem a mãe a casa veio a ser um lugar provisório. Uma estação com indecifrável plataforma, onde espreitávamos um cargueiro para um ignorado destino. Não se desata com delicadeza o nó que nos amarra à mãe (Idem, p.9).

Após a morte da mãe e a chegada da madrasta, verificamos que a relação de enraizamento e de pertencimento do narrador/personagem frente a casa, seu ninho, é desconstruída, paulatinamente, pois esse ambiente, antes, familiar, íntimo e (re)conhecido transforma-se em estranho, distante e frio, de modo que fica dividido entre a dor de partir e o desejo de não ficar:

Dobrei – entre contentamento e tristeza as poucas e mudas roupas. Nunca soube por que as lágrimas se negam a serem doces quando convocadas pela alegria. Sempre chorei salgado, talvez pelo peso da carne morta. Meu desterro, decretado pela voz do pai – naquela manhã seca e fria –, me fez inventar meu porto, mesmo sem escolher a margem do rio. Do abandono construí meu cais sempre do outro lado. Em barco sem âncora e bússola, carrego agarrado ao meu casco caramujos suportando sobre si o próprio abrigo, solitariamente (Idem, p. 64).

A paisagem em *Indez e Vermelho Amargo* será sempre uma herança manifestada em testemunhos de uma objetividade que vai emergindo da própria subjetividade, tendo em vista que a realidade geográfica nos conduz às múltiplas dimensões do vivido, extrapolando os limites territoriais muito além das suas imbricadas interações relativas à matéria e à concretude dos espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Geografia e Literatura nesse trabalho mostrou não só possuir desdobramentos interessantes, mas essenciais, uma vez que nos possibilita identificar, na subjetividade do texto, um espaço de interação reflexiva entre sujeito e ambiente que, se no texto se manifesta pela via da linguagem, no espaço configura-se como paisagem.

Neste estudo, procuramos observar de que maneira as paisagens vividas são elaboradas nas obras, *Indez e Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós. Essa investigação nos levou a refletir também sobre a subjetividade que é tecida nesse escrever. Vimos que a significação daquilo que foi está em suspenso, porque a cada novo passo e novo elemento, a totalidade da história de vida do indivíduo se transforma, propiciando que futuro e passado se apresentem de uma forma indeterminada – o futuro com relação aos fatos e o passado com relação aos significados.

O objetivo central deste trabalho foi apontar como os espaços e lugares experienciados pelo autor são recuperados e ressignificados na escrita, assim, a cada livro, percebemos uma possibilidade de novo nascimento (renascimento) de narradores-meninos frente às paisagens vividas, que pode nos revelar a insistência e a necessidade de elaborar uma falta que leva ao processo de escrita. O que Bartolomeu lhes confere não se configura como simples relatos de experiência vivida, mas sim como um misto de testemunho e ficção.

Cabe ressaltar que a escrita literária, enquanto misteriosa e fascinante, desperta o interesse e, por sua natureza itinerante (já que cada leitor faz diferentes leituras), leva a vários e imensuráveis caminhos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COLASANTI, Marina. Fragatas para Terras Distantes. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Indez*. Belo Horizonte: Miguilim, 1989.
- _____. Ler, escrever e fazer conta de cabeça. Belo Horizonte: Miguilim, 1996.
- _____. Sobre ler, escrever e outros diálogos. IN: ABREU, Júlio de (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- _____. *Vermelho Amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- TUAN, Yi-fu. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- _____. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

SOBRE AS AUTORAS

ENEIDE LIMA DE MESQUITA possui graduação em Letras/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2016. Integra o Grupo de Pesquisa LeLis - Leitura, Literatura e Saúde: inquietações no campo da produção do conhecimento, UFF/CNPq. Curso de Especialização em Literatura Infantojuvenil em desenvolvimento, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) 2018.

DAYANE CABRAL LEITE é Mestre em educação pela UFMS, Especialista em Literatura Infantojuvenil pela UFF, Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Maricá com atuação na Educação Infantil, Integrante do Grupo de Pesquisa LeLis/UFF e Articuladora Acadêmica do Consórcio Cecierj.

INEZ HELENA MUNIZ GARCIA é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Especialização em Processos de Alfabetização na Vida Adulta pela UnB. Especialização em Recursos Humanos pelo IAG/PUC-Rio. Integra os grupos de pesquisa/CNPq Linguagem, cultura e práticas educativas: investigando processos de produção de linguagem, identidades culturais e práticas educativas/UFF-RJ e Leitura, literatura e saúde: inquietações no campo da produção do conhecimento;/UFF-RJ.